

EDUCAÇÃO ESPÍRITA

ELEMENTOS DO PROCESSO

“O homem tem que progredir. Insulado, não lhe é isso possível, por não dispor de todas as faculdades. Falta-lhe o contacto com os outros homens. No insulamento, ele se embrutece e estiola”.

O Livro dos Espíritos item 786.

O Processo da Educação Espírita

A ação espírita é um processo educacional.

No entendimento de Antonio Houaiss educar é dar a alguém “todos os cuidados necessários ao pleno desenvolvimento de sua personalidade”.

Ao conceber o homem como um Espírito encarnado, cujo propósito de vida é o progresso através de múltiplas experiências - dentro e fora do corpo, o Espiritismo define a existência como um processo contínuo de aprendizagem, de educação. Nele o Espírito – como princípio inteligente do universo - se aprimora passando por estágios de individualização, conscientização, socialização e transcendência pessoal.

No estágio de individualização o princípio inteligente desenvolve os instintos e os automatismos psíquicos em contato com a matéria. Ao final deste estágio individualiza-se na condição de um Espírito - como a individualidades do ser extracorpóreo e não mais o elemento inteligente do Universo – assimilando as leis naturais na forma de automatismos gravados em sua consciência.

No estágio de conscientização o ser extracorpóreo descobre-se como centro do universo. Movido pelo egoísmo natural – decorrente da percepção do mundo centrado em si - ele experimenta a descoberta do mundo pelas portas da percepção e modela a realidade que experimenta criando uma visão consciente do que é o mundo.

No estágio de socialização o Espírito é instado pela convivência a ceder em seu egoísmo natural para reconstruir uma visão compartilhada de

mundo onde vige a alteridade, o respeito ao outro e a necessidade de aprender com o próximo pelo reconhecimento de novos valores.

No estágio de transcendência pessoal o Espírito socializado com o ecossistema de seres e coisas – nos quais descobre motivos de aprendizado e crescimento – reconhece que seu papel é integrar-se a si pelo auto-conhecimento, ao próximo pela prática da caridade, e a Deus pela experiência do amor como prática da lei natural – que assimilou, tomou consciência, aprendeu pela sociabilidade e pratica pela transcendência pessoal.

Dentro da leitura espírita a vida é um processo de educação do espírito – um processo específico de *evangelização*, na medida em que o evangelho reflete as recomendações éticas para a vivência da lei natural.

Historicamente define-se a evangelização como um processo de educação do indivíduo, pelos conhecimentos e práticas do cristianismo e provocando mudanças de hábitos e atitudes, com a prática ética inaugurada por Jesus.

Analisaremos este processo educacional chamado evangelização dentro dos seus aspectos componentes: o educando, o educador, o mundo percebido, a cultura espírita, e a re-significação do mundo. Esta análise considerará ambos os processos educacionais: a tradição histórica e o progresso existencial do espírito.

O Educando

No processo de educação o educando aparece como foco central. O mesmo ocorre durante a evangelização. É no indivíduo que identificamos o centro das atenções no processo educativo da evangelização.

Ao conceber a vida, em si mesma, como um processo de evangelização o Espírito aparece como o educando. Ele é o evangelizando na atividade educacional promovida através das experiências na vida. Neste aspecto todos os fenômenos da existência concorrem para o aprimoramento da alma.

Há um espaço da evangelização – denominado evangelização espírita – *strictu sensu*: é aquele que ocorre dentro do esforço educacional a desdobrar-se dentro das casas espíritas e utilizando conteúdos do Espiritismo. Neles os ensinamentos desdobram-se numa seqüência de experiências de aprendizagem compatíveis com o nível bio-psico-sócio-espiritual do indivíduo segundo modelos de aulas para crianças, grupos de estudos para jovens e adultos e programas de educação específicas como O Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, O Estudo Avançado da Doutrina Espírita, o Estudo Sistematizado da Mediunidade. Além destes programas educacionais específicos, os estudos das obras básicas e complementares realizadas na forma de palestras, seminários e congressos abertos ao público em geral têm a

dupla finalidade do estudo e da divulgação – constituindo-se igualmente esforços de evangelização do homem.

O indivíduo que comparece ao espaço da evangelização espírita na condição de participante ou ouvinte é mais do que um aluno da escola de evangelização: **é um aluno da vida**. A vida é uma escola de evangelização maior e mais importante; uma que é conduzida pela Providência Divina. O reconhecimento deste fato implica numa posição diferente nas atividades de educação espírita. Conduz-nos ao aproveitamento de todos os fenômenos da vida como parte do processo educacional.

Evangelizando é um papel desempenhado por todos os indivíduos quando assimilam as lições da vida – incluindo nós mesmos. Ao observarmos a posição dos adultos, jovens e crianças que comparecem em nossas atividades de evangelização devemos igualarmo-nos a eles como eternos aprendizes na escola da vida.

O educando é o centro do processo da evangelização tanto quanto o Espírito é o centro do fenômeno da vida.

O Educador

A vida em sociedade é um requisito fundamental para o pleno exercício das potencialidades humanas. Aprendemos e desenvolvemos nossas aptidões através da interação mútua, através da qual assimilamos nossa cultura e aprendemos pelo compartilhamento das experiências.

Na perspectiva do Espiritismo o processo de convivência social inclui não apenas a antropologia, mas a ecologia. Aprendemos com outros seres humanos e aprendemos interagindo com o mundo exterior ao nosso psiquismo. A experiência das relações grava-se em nossa consciência mediante o significado que lhes emprestamos. Na medida em que amadurecemos vamos aprimorando as percepções do mundo refletindo a realidade percebida em novas significações. Viver é um espaço de ecologia educacional para o Espírito. Um espaço que ele utiliza para o seu próprio aprimoramento – tanto intelectual quanto moral.

No cenário da convivência educativa alternam-se os papéis de educando e de educador, sendo raros os momentos em que nos definimos em posição exclusiva. Aprendemos quando ensinamos; ensinamos quanto exercitamos o ato de aprender.

Assumir a postura de educador é esforçar-se por compartilhar as experiências já adquiridas. Nisto reside a principal restrição do processo educacional: **não ensinamos o que não aprendemos**. Outra forma de observar a regra áurea da educação é: **ensinamos aquilo que conhecemos e como conhecemos**. Quanto maior o nosso domínio de conteúdos melhor o nosso POTENCIAL de compartilhamento das experiências. Mas este potencial somente se realiza quando compreendemos que o educando é o fator

essencial da aprendizagem e que o papel do educador é **facilitar seu entendimento ao expô-lo a diferentes experiências que facilitem a assimilação dos conteúdos compartilhados.**

Do mesmo modo como o fator essencial da comunicação é o ouvir - e não o falar, na educação o elemento fundamental não é a apresentação dos conteúdos, **mas o aprendizado deles.**

Evangelizar é compartilhar nossas experiências de entendimento e de vivência das leis naturais, seja em sala de aula, na conversa fraterna, na vivência cotidiana ou na exposição doutrinária.

Quando a espiritualidade nos orienta quanto à necessidade de Amor e de Instrução referencia ações de **compreensão** e de **vivência**.

Educados podemos educar. Evangelizados podemos evangelizar. Se compreendemos os conceitos da Lei Natural seremos capazes de instruir. Se vivenciamos os conceitos na prática do amor ilimitado seremos capazes de compartilhar vivências ao ensinar pelo exemplo.

Evangelizador é aquele buscando instruir-se, ama; e porquê ama, instruí!

No contexto das atividades de educação espírita, o evangelizador é um componente facilitador do processo de aprendizagem das leis naturais à luz do Espiritismo. Ele seleciona e ordena os conteúdos instrutivos para a exploração dos conceitos e os dispõe na forma de ideias ou experiências de aprendizagem, através das quais submete os educandos à reflexão e vivência, que propiciam a instrução e o amor. Tanto mais habilitado ele estará para cumprir este papel quanto mais se esforçar por transformar-se intimamente e expandir suas habilidades de aprendizagem conceitual, de compartilhamento de vivências e de amor profundo pelo próximo e pela vida.

A Cultura Espírita

A cultura pode ser entendida como “*um conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social.*”

A cultura espírita pode ser vista como um conjunto de conceitos e práticas que caracterizam o corpo de conhecimentos doutrinários - denominado Doutrina Espírita; o conjunto das práticas e costumes de um grupo socialmente organizado – denominado Movimento Espírita; e um grupo de valores, práticas e crenças perseguidos como padrões de progresso – denominado Ideal Espírita.

A cultura espírita, porém, não se afasta do mundo, embora caracterizada e distinta por suas peculiaridades. É Allan Kardec que afirma o fato de a ciência e o Espiritismo se complementarem no processo da instrução. Os próprios Espíritos nos alertam de que a cultura espírita não é suficiente para nos assegurar a conquista do Ideal Espírita no item 982 de O

Livro dos Espíritos e respondem: *“Só o bem assegura a sorte futura. Ora, o bem é sempre o bem, qualquer que seja o caminho que a ele conduza.”*

A cultura espírita está inserida no contexto da cultura humana. O Espiritismo é uma disciplina filosófica com fundamentos científicos e de implicações religiosas. Enquanto ciência ele propicia o entendimento da origem, natureza, destinação dos Espíritos e de suas relações com o mundo corporal - e o faz através do estímulo à prática da pesquisa contínua e metodizada. Enquanto religião o Espiritismo deriva do entendimento dos ensinamentos cristãos e sua conseqüente vivência como parte do processo de aprendizado das leis morais da vida. E como filosofia o Espiritismo estabelece o elo de ligação entre Ciência e Religião. É através de sua filosofia - um quadro extenso de princípios assentados sobre as Leis Naturais e estruturados na perspectiva dos Espíritos - que o Espiritismo promove a melhoria do indivíduo fazendo-o compreender e vivenciar as Leis da Natureza - tanto físicas quanto morais.

Ao apresentar o conteúdo doutrinário espírita nas salas de evangelização devemos cuidar de não neutralizá-lo pelo isolamento em relação aos conteúdos do saber humano. Devemos cuidar igualmente para não confundir-lo com outros ramos do saber. O conteúdo tratado nas salas de evangelização espírita relaciona-se à Doutrina Espírita, ao Movimento Espírita e ao Ideal Espírita. Podemos - e devemos - relacionar a cultura espírita à cultura humana mais abrangente; mas sempre que o fizermos devemos ressaltar o modo como a cultura espírita modifica o significado daquela - pela introdução do Espírito como objeto de pesquisa científica, como entidade filosófica e como fundamento religioso na vivência do amor conforme o Ideal Espírita.

O Mundo Percebido

O homem pensa sobre o mundo conforme o percebe. Quando os Espíritos definem a matéria como “o laço que prende o espírito; o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação” - consoante a resposta à questão 22(a) em O Livro dos Espíritos, compreendemos que a matéria direciona a percepção da alma encarnada atuando como um filtro para a sua representação do mundo.

Nos trabalhos de Lev Semyonovich encontramos um conceito de que a linguagem atua como um instrumento de mediação da realidade. Através da linguagem o homem representa o mundo e o manipula na forma de pensamentos. Vygotsky apresenta o conceito de que o educando amplia sua capacidade de aprendizado quando auxiliado por um agente. Ele define a idéia de uma Zona Proximal de Desenvolvimento que é o espaço existente entre o aprendizado que o educando realiza sozinho e o aprendizado potencial que ele pode obter quando auxiliado pela interação com outros agentes.

Podemos utilizar o conceito da Zona Proximal de Desenvolvimento e estabelecer que o Espírito utiliza a matéria como um agente de ampliação de sua Zona Proximal de Desenvolvimento uma vez que ela atua como um seletor de percepções. Este processo de seleção faz com que o Espírito concentre sua atenção em determinados modelos de informação dos quais resultam aprendizados específicos. Um esboço desta interação entre o espírito e a matéria pode ser encontrado na obra *Evolução em Dois Mundos* - de André Luiz.

O homem utiliza a linguagem para representar a realidade que percebe pelos instrumentos da matéria. Os seus modelos lingüísticos de pensamento servem de arcabouço para a concepção de sua visão do mundo e, conseqüentemente, para sua elaboração mental, manifestação verbal e ação material - em outras palavras: pensar, falar e agir. A linguagem é utilizada para transformar percepções em conhecimento. Esta transformação é assistida por suas próprias habilidades de conhecer e pelos agentes que atuam em sua zona proximal de desenvolvimento.

O mundo que o homem percebe determina sua capacidade de conhecimento. O educador amplia a capacidade de aprendizado quando atua na zona proximal de desenvolvimento introduzindo mudanças nas percepções do educando. Tais mudanças resultam numa habilidade melhor para usar a percepção em sua atuação no mundo - seja pelo pensar, pelo falar ou pelo agir.

Ao ver o homem como um Espírito imerso na matéria o Espiritismo reconhece o papel de intermediação que o corpo oferece no processo de aprendizado. Conseqüentemente o processo de mediação do aprendizado ocorre em diferentes níveis sobre o educando, a saber: biológico, psicológico e social. O aprendizado sobre o mundo é registrado pelo Espírito em sua dimensão espiritual. Entretanto este registro é intermediado por:

- Elementos biológicos - os instrumentos que o corpo lhe oferece;
- Elementos psicológicos - as estruturas mentais que relacionam sensações, intelecções e emoções; e por
- Elementos sociais - os significados obtidos pela ação dos agentes que atuam sobre sua zona proximal de desenvolvimento.

Estes elementos são sintetizados na dimensão espiritual em estágios de individualização, conscientização, socialização e transcendência pessoal.

Ao reconhecer a amplitude do papel que desempenha a percepção do mundo no processo educacional também reconhecemos a necessidade de atuar sobre o processo de significação da percepção.

A evangelização realizada pela Providência Divina atua em nossa zona proximal de desenvolvimento pela exposição de nossas consciências ao conjunto de experiências na vida. O trabalho aparece como um instrumento de

trato com o mundo, do qual decorre nosso desenvolvimento intelectual. A convivência com o próximo estabelece as bases de ampliação de nosso aprendizado, pelo desenvolvimento do senso moral. Viajores da eternidade, somos espíritos em processo educativo.

O mundo que percebemos representa o limite de nosso aprendizado atual. O esforço educacional da Providência Divina coordena oportunidades de trabalho, provas e expiações como modos de ampliação de nosso entendimento para que - a partir dele - se dilate nossa capacidade de amar, por que o amor é o ato de perceber o mundo pela integração com ele.

O programa de Jesus nos convida a um aprimoramento de entendimento e de afeto. Desta forma encontramos as afirmações: “Conhecereis a verdade e ela vos tornará livres” ao lado de “Bem-aventurados os puros de coração, por que verão a Deus.” Ambos os esforços refletem a busca para amplificar a percepção da realidade.

A evangelização espírita atua como um agente na zona proximal do Espírito encarnado alterando-lhe o aprendizado e a percepção do mundo pela introdução de novos significados. É o que passamos a analisar.

O Mundo “Resignificado”

“(..) a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos.” - Allan Kardec

Pela compreensão do mundo o espírito direciona seu comportamento. Mesmo quando agindo “sem pensar” a ação humana é resultado de um conjunto de condicionamentos biológicos, psicológicos ou sociais que se manifestam graças ao significado apreendido pelo corpo, pela mente ou pela inteligência social do indivíduo.

A educação é um conjunto de hábitos adquiridos - pelo corpo e pela alma.

Na aquisição dos hábitos comportamentais o indivíduo utiliza a linguagem como elemento intermediário da significação do mundo. Uma mudança de significados conseqüentemente altera sua forma de pensar e agir no mundo.

O PAPEL DA LINGUAGEM NA SIGNIFICAÇÃO DO MUNDO

Em sua obra **A Formação Social da Mente** (VYGOTSKY 1991), Lev Vygotsky escreve (pg 26):

“Embora a inteligência prática e o uso de signos possam operar independentemente em crianças pequenas, a unidade dialética desses sistemas no adulto humano constitui a verdadeira essência do comportamento humano complexo. Nossa análise atribui à atividade simbólica uma função organizadora específica que invade o processo do uso de instrumento e produz formas fundamentalmente novas de comportamento”.

A visão de Vygotsky apresenta o papel fundamental da fala como instrumento de mediação da realidade. Um instrumento que possibilita ao indivíduo a representação do mundo e atuação abstrata nele, atuando pelo seu comportamento motor ou verbal - após a definição da ação pela linguagem. Este processo de planejamento da ação pela representação simbólica constitui um ato de mediação consciente ou inconsciente, pois algumas vezes sabemos que a realidade de que tratamos é apenas nossa visão dela e, de outras vezes, confundimos nossa visão com a própria realidade.

Encontramos ainda em *A Formação Social da Mente* (pg. 27) o seguinte:

“Antes de controlar o próprio comportamento a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento.”

Aqui temos a visão de que a linguagem determina o universo de possibilidades da ação - porque determina o universo de significação do mundo, mas ao mesmo tempo expande este universo de significados graças às novas relações a que dá efeito.

Em **Evolução em Dois Mundos** André Luiz parece corroborar com a visão de Vygotsky quando escreve:

“Pela compreensão progressiva entre as criaturas, por intermédio da palavra que assegura o pronto intercâmbio, fundamenta-se no cérebro o pensamento contínuo e, por semelhante maravilha da alma, as idéias-relâmpagos ou as idéias-fragmentos da crisálida de consciência, no reino animal, se transformam em conceitos e inquições, traduzindo desejos e idéias de alentada substância íntima. (...) Os porquês a lhe nascerem fragmentários, no íntimo, insuflam-lhe aflição e temor. (...) Entre a alma que pergunta, a existência que se expande, a ansiedade que se agrava e o Espírito que responde ao Espírito, no campo da intuição pura, esboça-se imensa luta. O homem que lascava a pedra e que se escondia na fumaça, escravizando os elementos com a violência da fera e matando indiscriminadamente para viver, instado pelos Instrutores Amigos que lhe amparam a senda, passou a indagar sobre a causa das coisas... (...) A idéia de Deus iniciando a religião, a indagação prenunciando a filosofia, a experimentação anunciando a ciência, e o instinto de solidariedade prefigurando o amor puro, e a sede de conforto e beleza inspirando o nascimento das indústrias e das artes, eram pensamentos nebulosos torturando-lhe a cabeça e inflamando-lhe o sentimento (...) Todavia, com o advento da responsabilidade, que o separara da orientação direta dos Benfeitores da Vida Maior, entregou-se o homem a múltiplos tentames de progresso no campo do espírito. No regime interior de Livre Indagação, conferia asas audaciosas ao Pensamento, e, com isso, mais se lhe acentuava o poder de Imaginar.”

Vemos que o autor espiritual destaca o papel da fala na educação do indivíduo possibilitando-lhe expandir o pensamento contínuo em conceitos e inquições, em desejos e idéias. Estes elementos lhe conferem a responsabilidade.

A linguagem desempenha um papel crucial na experiência do espírito porque é nela que se imprime a significação atribuída à realidade.

O PROCESSO DE RE-SIGNIFICAÇÃO

O conhecimento do mundo é um processo de descoberta de significados. Desde as experiências sensoriais até o pensamento mais elaborado o espírito utiliza o significado como instrumento para a individualização, a conscientização, a socialização e a transcendência pessoal.

No processo de individualização os objetos do mundo imprimem significação pelas experiências que conferem.

No processo de conscientização o significado aparece como um conteúdo que reflete o mundo nas teias da inteligência do espírito.

No processo de socialização os significados são alterados pela percepção dos significados dos outros.

No processo de transcendência pessoal os significados deixam de ser representações do mundo e passam a equivaler a eles, sem a mediação do ego o Espírito integra-se à realidade em novas formas de percepção e ação.

A cada etapa do desenvolvimento humano o mundo ganha um significado mais abrangente e maduro. A cada etapa da vida espiritual o universo em que vive dá ao Espírito uma compreensão diferente da vida, do mundo e dele próprio.

Viver é um ato de re-significação do mundo e de nós mesmos.

O PAPEL DA EDUCAÇÃO ESPÍRITA NA RE-SIGNIFICAÇÃO

A evangelização espírita secunda o processo de ampliação dos significados agindo sobre o homem nos níveis de conscientização e socialização. Ela propicia o processo de transcendência pessoal - que só pode ser operado pelo próprio indivíduo, a partir de sua ação na transformação de significados.

Atuando no indivíduo pela introdução de novos conceitos calcados na Doutrina Espírita a evangelização age primariamente no plano intelectual. As idéias desenvolvidas pelo Espiritismo funcionam como instrumentos de significação da realidade na medida em que inserem o Espírito - aqui tomado como princípio inteligente presente no universo - dentro da realidade natural. Deixando de ser sobrenatural a noção do Espírito re-contextualiza o pensamento pois traz à tona a noção da imortalidade, a noção de Deus, a noção da interação entre os mundos materiais e espirituais e a determinação do progresso moral e intelectual.

A primeira etapa da re-significação da realidade é obtida pelo processo de instrução. A segunda etapa pretende desenvolver a noção de significação da realidade pela ação construtiva do amor.

No processo de instrução os conceitos do mundo são desenvolvidos pela ciência e pela filosofia.

A ciência espírita - que pretende o estudo da natureza, origem e destinação do Espírito bem como de suas relações com o mundo corporal -

proporciona os fundamentos conceituais para uma percepção do mundo com o elemento espiritual integrado a ele.

A filosofia espírita - que fornece as relações de significação entre todo o arsenal de conceitos possuídos pelo indivíduo - ganha novos instrumentos para representar a realidade e medir-lhe as conseqüências sobre os atos e relações do ser como o mundo e com outros seres.

A religião espírita - aqui entendida como uma relação de caráter ético e estético - impulsiona o indivíduo para que perceba a sinta a realidade da vida através de sua integração com ela, utilizando a intuição e o sentimento como instrumentos de transcendência de suas percepções pessoais através da socialização no “amar ao próximo como a si mesmo” e a partir desta ação de integração pelo amor integrar-se à realidade da vida.

Em O Livro dos Espíritos, Vicente de Paula resume o roteiro da transcendência pessoal e escreve (pg 409):

“Amai-vos uns aos outros, eis toda a lei, lei divina, mediante a qual governa Deus os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados. A atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.”

A percepção do amor como lei física é o resultado do processo de instrução e a sua prática caracteriza a criação de novos hábitos de comportamento que consolidam no espírito as aquisições da educação para a vida.

A evangelização é um processo de conceituação e de práticas para atribuir ao mundo o seu verdadeiro significado, que deve ser obtido pela prática dos processos de instrução e amor.

A educação é, de fato, um processo educacional; de educação para a vida.